

O encerramento, sábado de uma exposição de folhetos, marcou o fim de uma semana sobre a Literatura de Cordel, na

Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, no Parque Lage. Os eventos foram abertos com uma

que deveriam vender seu produto enquanto se realizava um forró. Mas o que es-

crevem, o que pensam, como moram os autores de cordéis que vivem no Rio? Donos de uma poesia que sempre louva os bon-

costumes, o respeito à lei e a submissão a fé, os cordelistas de cidade grande são operários de baixa remuneração e moram lon-

ge, em casas humildes. Na noite de sua feira na Zona Sul, eles não chamavam aten-

ção alguma, perdidos entre as poucas dezenas de pessoas que se dispuseram a ir até o Parque Lage. O centro de tudo era o forró, consumido sem

jeito por um grupo de jovens vindo aparentemente de Ipanema, rapazes e moças que, sem nunca ter feito ou lido cordel, eram a alma da festa.

# A NOITE EM QUE O CORDEL VEIO À ZONA SUL

Danúsia Bárbara □ Fotos de Delfim Vieira



João Lopes Freire: "Moro com simplicidade e é um custo pagar os Cr\$ 500 de aluguel. É difícil ser cordelista aqui"

**Q**UEM entrasse no Parque Lage, sexta-feira à noite, depois de passar o dia visitando os cordelistas em suas casas, levaria um susto: estaria diante da confraternização dos ditos folclore nordestino e folclore ipanemense? Várias pessoas povoavam o amplo pátio da Escola de Artes Visuais, divididas em três grupos: os músicos, que tocavam num tablado sobre o lago; os jovens de roupas coloridas, que pulavam como podiam no cimento, numa versão originalíssima de forró; e os cordelistas que, tímidos, tentavam vender seus folhetos.

Estou achando um barato. Isto é a realidade brasileira. O rock traz sensibilidade, mas a essência do Brasil não tem nada a ver com rock. Maria das Graças Ferraz, mineira que há 20 anos mora no Rio, acaba de concluir seu curso de Português-Literatura na Faculdade Pedro II. Soube da Feira através de um colega, veio "Conhecer de perto".

— O Nordeste é lindo, eu ainda vou lá.

Para Tereza Regina, segundianista de Belas-Artes, e seu amigo Augusto Cesar Franco, terceiro ano de Biologia da UFRJ, ambos com 21 anos, a festa estava "legal".

— Muito legal trazer coisas de lá para cá. Viemos porque a velha do Augusto disse que ouviu na TV que ia ter esse barato aqui. Gostamos de tudo quanto é tipo de música, ainda mais alegre como essa. E' sair dançando que pinta. Além disso, Augusto já viajou pelo Peru, Bolívia, Amazonas, Pará, Ceará, Mato Grosso, conhece tudo isso, tinha que rever, me mostrar.

A festa despertava uma reação favorável nos jovens, embora eles desconfiassem tranquilamente o conteúdo dos livros de cordel: "nunca li, mas um dia vou ler" — era a resposta padrão, enquanto pulavam ao som do Esquenta Mulher. Duas figuras, à par-

te, olhavam: Sebastião Nunes Batista, autor de livros sobre cordéis, e Paulo Afonso Grisoll, diretor do Departamento Cultural do Rio de Janeiro.

— O romanceiro popular nordestino — explicou Sebastião Nunes Batista — se divide em dois grupos: a poesia improvisada, divulgada, que produz os chamados folhetos de cordel.

— Existe diferença entre o cordel fluminense e o nordestino?

— Muita! Houve um transplante do cordel do Norte para o Rio, mas como aqui o ambiente é sofisticado, não surgem tantos motivos sofridos, o contato com a natureza é menor.

— E os problemas urbanos? Não produzem "sofrimento"?

— São grandes, mas veja que quem os canta é o nordestino imigrado.

— Se são cordéis diferentes, como explica o mesmo tipo de enfoque, a mesma moral?

— Há de se entender que, na literatura de cordel, o poeta canta o meio em que vive. Essa literatura se situa entre a classe A, culta, e a C, inculta. Feita pela classe B, transmite cultura da classe A, para a C e vice-versa, daí, o dito moralismo: ela transplanta a visão de mundo de uma classe para outra. Note-se que 20% dessa literatura é feita de temas religiosos.

— A Feira é válida? Não estaria havendo muita "curtição" e pouco cordel?

— Acho a mostragem interessante e quanto à curtição acho ótimo! Bole com as pessoas.

Paulo Afonso Grisoll explicou que a Feira fora a maneira encontrada para comemorar a Semana Nacional do Livro:

— De um lado, mais erudito, lançamos em Campos a II Semana da Cultura, com quatro co-edições de livros de História, romance, pesquisa; de outro, mais popular, resolvemos fazer uma festa da literatura de cordel, que se aculturou, se implantou e se assumiu no Rio.

- Não acha que aqui há pouca gente e muita diferença social?
  - Infelizmente os jornais não divulgaram de maneira suficiente o evento. Ainda assim, é uma Feira aberta, singela, simpática. As pessoas compram os folhetos, se informam sobre o assunto.
  - Num tamborete, o cordelista Catapora olhava de longe a moçada dançando. Pensava nos três ônibus que pegaria no trajeto Jardim Botânico/Jardim Gramacho.
  - Vendendo muito?
  - Quase nada, mas parece que o pessoal está se divertindo e eu não posso me queixar: meu folheto sobre o Pacote Cultural vai ser editado em breve, sem ônus nenhum para mim.
  - No caderno pautado, ele mostra os versos sobre as promoções do Departamento de Cultura, escritos numa caligrafia caprichada. Eis uns trechos:
- 4 O Governo atendendo Os estudantes em geral Criou o Projeto Minerva E o Pacote Cultural Com isso o folclore ao vivo Para todo o pessoal
  - 5 A Funarte também atuou Para fazer filiação Para todos assistirem Através da Televisão Isso é Brasil para frente E progresso da Nação
  - 26 No Instituto Inepac Do Patrimônio Cultural O Diretor Alexandre Homem de grande moral E sua assistente Leila No quadro funcional...

E por aí continuavam as loas, em cerca de 40 quadras. Se a noite era de cordel, curtição, saber teórico ou cultural, ninguém soube. Cordel sim, cordel não, quem quiser que conte outra.



Damião Vieira de Oliveira, no Jardim Gramacho, em Duque de Caxias



Apolônio Alves dos Santos, na javeia da Barreira do Vasco

## O TODO-DIA DOS POETAS POPULARES NA ZONA NORTE

Para se chegar à Rua Amarante, no Jardim Gramacho, Duque de Caxias, anda-se muito. O pessoal que trabalha no posto de gasolina/churrascaria do bairro não sabe informar, alguns passantes ouviram falar e os policiais que rondam a região em joaninhas azul e branco negam a existência da rua. Numa padaria, indicam uma mercearia cujo dono tem o mapa da região. Ele o desenrola lentamente: é enorme, velhíssimo, um mapa de pirata. Mas mostra, enfim, a Rua Amarante.

É um atalho que sobe em ladeira, sem placas ou indicações. Ladeando a rua, casebres humildes. Num deles, mora Cosme Damião Vieira de Oliveira, vulgo Catapora, descarregador de caminhão, palhaço de Folia de Reis, cabelo black power, sorriso falho de dente. Pai de duas meninas, 32 anos, é também cordelista.

— Meu primeiro folheto falava da explosão da fábrica de pólvora no Sarapuí: explosão danada, não sobrou nada, nem caminhão. Peguei de escrever e o negócio engrenou. E' só estudar que nasce idéia, mas só tem graça se o assunto for atual.

— Dá para sobreviver escrevendo folhetos?

— Lógico que não. Sou trabalhador, de escarrego qualquer coisa de caminhão: cimento, madeira, cal, o que for. As cinco da manhã já estou no ponto, à tarinha encerro expediente. Sábado e domingo é dia de ficar em casa, tomar um e outras, sair por aí.

— Como os vende?

— No serviço, na padaria, no bar. E' só dar uma pincelada orais da história, convidar o pessoal para ler. Vendo por Cr\$ 4,00 ou Cr\$ 5,00, o preço não é fixo. Não tenho paciência para ir à Feira de So Cristóvão, nem sou Azilo para bater trem da Central vendendo os literinhos. Eu é que comprava meus dele, para decorar.

Em sua casa, há TV, geladeira, sofá. Há também um liquidificador coberto com capa de plástico verde, enfeitada de laço. Nas paredes que sobem sem encostar no teto sem forro, uma flamula do Vasco (apesar de Catapora ser América) e quadrinhos com conselhos. Quando a repórter chegou, crianças e cachorros vieram saudá-la. Um rapazinho tirava água do poço em frente, o cunhado apareceu, a mulher se recolheu à cozinha. A pedidos, Catapora pegou na viola, explicou que morava com família do cunhado.

— Não tem problemas para escrever. Não falo contra o Gerno nem con-

tra os marginais. Mas um dia escrevo um folheto sobre a marginalidade do Rio. Só que vou estar bem longe, prá não me pegarem.

Quando Catapora (o apelido é uma redução de seu nome como palhaço de Folia, Sereno de Catapora; o porquê ele não sabe explicar) canta, o tom muda, a língua parece enrolar, ele se torna um capôira paulista.

— Quer dizer que "é só estudar para nascer idéias"? O que você estuda?

— Bem, leio muito. Livro de bolso, jaroeste, até Grande Hotel, mas não sou muito parado em história de amor. Escuto Benito de Paula, Nelson Gonçalves e os sertanejos Tonico e Tinoco, Tião Carneiro e Parinho.

— E dinheiro para fazer os folhetos?

— O pessoal exige dinheiro adiantado. O jeito é recolher de amigos, arranjar patrocinador: Auto-Escola Daniel, Casa de Material Pantanal, a farmácia. A gente se vira.

— E o dinheiro para fazer os folhetos?

— O pessoal exige dinheiro adiantado. O jeito é recolher de amigos, arranjar patrocinador: Auto-Escola Daniel, Casa de Material Pantanal, a farmácia. A gente se vira.

— Já pertence ao corpo de jurados da cidade de Rio Tinto, já fui fiscal de menores, empregado de indústria, cabo eleitoral, encarregado de serviço em fábrica de tecido. Hoje sou aposentado.

— E o cordel?

— Escrevo desde cedo, a inspiração nasce junto. Trabalhei em rádio, tive programa, cantei em usina, engenheiro, Universidade, congresso. A única coisa que um poeta tem de aprender é seu trabalho, lendo e pesquisando.

— O que você pesquisa?

— A gente não pode confiar nas coisas que nos dizem, tem de confirmar. Por exemplo: se canto na casa de um usineiro e ele se diz muito rico, mostra os empregados chamando-os de "meus filhos", dizendo que não falta nada ali, o cantor não diz nada mas depois vai investigar. Cordelista não é pagapaga para repetir o que ouve. Ele tem sempre de duvidar.

— Mas como você investiga?

— Conversando. O trabalhador do campo em geral é humilde, massacrado, burro. Uma mitaria. Quando viajo de um lugar para outro quase nunca há transporte regular: vou de pé ou em lombo de animal.

— Não reclamo. Esse negócio de viajar de avião ou de ônibus de luxo, de só fazer o caminho que já está traçado pelos outros, não tem a menor graça. A gente fica sem conhecer coisa alguma. Mas eu vou parando, conversando, me informando. As vezes me contam barbaridades. Costumo parar nas casas de terreno esquisito (na minha terra esquisito quer dizer desabitado). Peço água, proseio, sei das coisas. Assim pesquiso.

Em casa, João anda de camiseta, calça velha de tergal, chinelas. Mas só se apresenta de terno e gravata: "Até hoje não deixei mal nossa representação, nosso título, nossa profissão. Cantador que se preze tem figura." Ele já não sabe quantos folhetos e romances escreveu, só sabe que são muitos e de tipos variados. Aceita encomendas (uma recente foi para a Companhia do Metrô do Rio, contando como era a Cinelandia do passado) e consulta livros quando escreve (acaba de comprar o Dicionário de Vultos Brasileiros Internacionais, em cinco volumes, e a Mitologia Greco-Romana), mas também improvisa, faz desabaços:

— Escrevi A Corrupção Desfilando na Passarela do Diabo de puro desabaço. Estávamos em 1964 e a polícia fez muita sujeira, metralhou muita gente na porta do Sindicato sem o menor motivo. Graças a Deus o Exército acabou com o abuso. Mas antes eu não aguentei e desabafei. Minhas histórias sempre partem de fatos.

João, que já se apresentou na Universidade de Minas Gerais, tem um folheto que se chama Advertência ao Estudante Brasileiro: a n a l i s a "os grandes nomes brasileiros" (Rui Barbosa, Juscelino Kubitschek, João Calmon), coloca-se contra "o vício" e aconselha aos diretores uma fiscalização rigorosa. Em O Poeta, A Viola e A Verdade, ele denuncia: Tanto dinheiro que gastam Em jogo e seleção Em festa de carnaval Eu vejo e presto atenção Em tanta criança chorando A falta de leite e pão.

— Há alguma diferença entre cantar no Rio e cantar no Nordeste?

— Muita. Estou há sete anos no Rio trabalhando, frequento a Feira de São Cristóvão, mas não há divulgação. Enquanto em Pernambuco e Paraíba os rádios têm programas onde a gente recebe cartas do Acre ao Rio Grande do Sul, aqui a gente não tem nada. Vim para cá por causa da doença de minha filha mais velha. Moro com simplicidade e é um

custo pagar os Cr\$ 500,00 de aluguel. É difícil ser cordelista aqui.

— Quanto se gasta para fazer um folheto?

— Um milhão e oitocentos mil cruzeiros, agora os Cr\$ 250,00 do clichê. Isso por um milheiro de um folheto de 16 páginas. Mas o problema é a falta de divulgação. Não temos acesso às rádios, quando nos convidam para cantar em alguma festa raramente pensam em nos pagar dignamente e só querem nos pagar por uma hora de trabalho. Onde já se viu? Viroleiro começa frio e só de madrugada o som da viola fica bom, a cabeça e a língua ficam afiadas.

— Minha primeira história foi Maria Cara de Pau e o Príncipe Gregoriano: Maria perde os pais, seu padrinho quer se casar com ela, ela corre pedindo auxílio a um marceneiro, ganha uma máscara de pau. Foge para um lugar em que não a conhecem, sofre, vive aventuras. O final é feliz, ela se casa com o Príncipe Gregoriano.

— Foi você quem a inventou?

— É. A gente escuta, imagina, escreve. Poeta tem de partir dois fatos e depois fantasiar.

Autor de A Briga do Zé do Norte no Morro da Mangueira, O Mineiro que Comprou um Bonde no Rio de Janeiro, Discussão do Cachoeiro e o Crente, O Monstruoso Crime de Serginho em Bom Jesus de Itabapoana, Biografia e Morte de Juscelino Kubitschek, O Encontro do Cangaceiro Vilela com o Negro do Paraná, O Homem que Virou Bode por Zombar de Frei Damião e muitos outros folhetos ("escrevi mais de 60"), Apolônio imprime suas histórias na Paraíba. Manda pelo correio dinheiro e originais, recebe meses depois os libretos: "Sai mais barato".

Em seu barraco, há geladeira e TV; dois bancos de madeira, uma mesa de fórmica, uma pia, uma cama e mais nada.

— Aqui a vida é dura, ninguém quer saber da gente. Mas eu gosto de escrever e o público compra. É uma questão de espera e paciência.